

A filosofia política de Deleuze e Guattari: crítica da razão e crítica do capitalismo

Larissa Drigo Agostinho

Resumo: Nossa hipótese consiste em inserir a crítica política realizada por Deleuze juntamente com Guattari no interior do projeto filosófico deleuziano demonstrando a importância da crítica ao capitalismo e ao funcionamento do Estado no interior da constituição de uma noção renovada da filosofia. Deleuze alia crítica social e crítica da história da filosofia para construir uma noção renovada de filosofia, uma lógica capaz de dar conta das múltiplas formas de relação entre o empírico e o transcendental. Se *Diferença e repetição* opera a crítica de uma racionalidade que se define por obedecer às exigências do princípio de razão suficiente, a crítica ao capitalismo desenvolvida em *Anti- Édipe* e *Mille Plateaux* visa empreender a crítica de uma racionalidade não causal, sem fundamento e imanente, ou seja que opera sem fins determinados ou exteriores. A partir da crítica social e política Deleuze e Guattari elaboram uma filosofia política, mas também uma noção de filosofia, que delinearemos a partir do comentário de *Qu'est-ce que la philosophie?* Neste momento da obra deleuzo-guattariana a filosofia se define a partir da diferença que a distingue da ciência e de sua relação com o que é da ordem da empiria. É este conceito renovado de crítica, capaz de criar uma nova filosofia que visamos delinear neste trabalho.

Introdução ao problema geral do projeto

A filosofia de Deleuze e Guattari é composta de um duplo movimento, crítica da metafísica ou crítica da representação e construção de um pensamento da diferença, da multiplicidade ou da infinitude. No interior deste duplo movimento uma questão permite unificar ou determinar o centro problemático em torno do qual gira o pensamento de Deleuze e Guattari: o limite. Não se trata apenas de encontrar os limites da razão ou delimitar seu campo de ação, mas pensar aquilo que escapa do pensamento representativo e que até então não teria encontrado seu lugar no interior da filosofia. Este movimento, que busca pensar o impensado se estende para todos os campos da vida social, da arte à política, passando evidentemente pelos mecanismos de controle, regulamentação e legislação das sociedades contemporâneas.

Em *Diferença e repetição* Deleuze elabora sua filosofia a partir de uma crítica da metafísica, uma crítica da filosofia de Platão, ou seja, da operação de constituição do pensamento representativo. Platão instaura uma cisão no interior da filosofia entre a Ideia e suas cópias. A Ideia, por exemplo, a ideia de justiça implica que só a justiça é

justa, ela funda o mundo empírico como cópia, representação, sempre aquém da ideia que ela repete, porém jamais completamente ou inteiramente. Esta distância entre a ideia e o mundo das cópias, torna possível o julgamento filosófico que estabelece a adequação entre pretensões representativas e as legitima a partir de sua adequação ou semelhança aos princípios estabelecidos pelo tribunal da razão, ou seja, pela ideia. A ideia funciona como fundamento de toda a vida social, é a partir dela que os fenômenos, sujeitos ou qualidades são julgados, legitimados, incorporados ou excluídos. É também a ideia que estabelece a normatividade a partir da qual a vida social não apenas se legitima, mas se reproduz e se conserva.

A operação realizada pelo fundamento obedece às exigências do princípio de razão suficiente, “le fondement est l’opération du *logos* ou de la raison suffisante”¹ assim “fundar” possui três sentidos: determinar, representar ou reproduzir e organizar. Neste sentido a operação fundamental do fundamento é a limitação, ele restringe, recorta ou limita o real, para em seguida reproduzi-lo, ordenando o mundo da representação a partir de um princípio de identidade que transforma toda diferença na repetição do mesmo². Esta chave de leitura permite que Deleuze estabeleça uma crítica do platonismo, inspirada em Nietzsche, assim como uma crítica da imagem do pensamento, que se dirige essencialmente a filosofia kantiana. O problema do fundamento, lido a partir do princípio de razão suficiente estabelece uma relação entre causalidade e representação. Podemos dizer que Deleuze estende a crítica foucaultiana

¹ Deleuze. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 1968, p. 349.

² Assim Deleuze repete o diagnóstico foucaultiano de *As palavras e as coisas*. Um diagnóstico fundamental para o pensamento francês a partir dos anos 60. Trata-se de demonstrar que no interior do pensamento representativo só há espaço para a eterna repetição do mesmo. Para Foucault Kant teria colocado em prática uma crítica da representação que colocava em questão seu fundamento, sua origem e seus limites. O pensamento kantiano cria não apenas um tema transcendental, mas também campos empíricos novos. Surgem duas novas formas de pensar, uma interroga as possibilidades da representação, a outra, questiona as condições de relação entre a representação e o representado. Assim surge um novo campo da empiria composto de objetos jamais totalmente representáveis ou objetiváveis: o trabalho, a vida, a vontade, a linguagem. Buscam-se as condições de possibilidade da experiência nas condições de possibilidade dos objetos e de sua existência, enquanto que na reflexão transcendental, as condições de possibilidade dos objetos da experiência se identificam com as próprias condições da experiência. A positividade das ciências da vida, do trabalho, da linguagem e da economia corresponde à instauração de uma filosofia transcendental. A falência da representação na qual se baseia a *épistémè* clássica provoca o dilaceramento da linguagem que se divide entre o saber limitado pela positividade do mundo empírico, da vida, do trabalho ou da produção. “D’un bout à l’autre de l’expérience, la finitude se répond à elle-même ; elle est dans la figure du *Même* l’identité et la différence des positivités et de leur fondement”. Daí o jogo interminável de uma referência duplicada, que Deleuze chamaria de “Pli”, “si le savoir de l’homme est fini, c’est parce qu’il est pris, sans libération possible, dans les contenus positifs du langage, du travail et de la vie ; et inversement, si la vie, le travail et le langage se donnent dans leur positivité, c’est parce que la connaissance a des formes finies”. Foucault, M. *Les Mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966, p. 255-256. Escapar da finitude (seja no campo transcendental seja no campo empírico) é a tarefa que o pensamento pós-maio de 68, o pensamento francês a partir de Foucault, atribuiu à filosofia.

do Kantismo ao platonismo, a partir da crítica nietzschiana ao pensamento causal. Assim Deleuze pode identificar o platonismo como responsável por uma cisão entre o mundo das ideias e a vida. Eis a função da identificação entre *logos* e o princípio de razão suficiente.

Uma filosofia da diferença deve ultrapassar os limites impostos pela imagem de pensamento em operação no interior da história da metafísica, encontrando assim um solo apenas a partir de um paradoxo ou de um processo crítico que desvela o “sem fundo” ou ausência de fundamento de um pensamento não mais representativo. O problema deleuziano é justamente demonstrar de que maneira “a diferença e a repetição podem *legitimamente* contestar a legitimidade de todo fundamento”.³ Trata-se de uma questão que move a filosofia moderna: é possível filosofar sem pressupostos? O que significa verdadeiramente *recomeçar* a pensar?

Da crítica à representação instaurada pela filosofia platônica que se constitui essencialmente a partir da relação causal e identitária entre fundamento e fundado, Deleuze começa sua filosofia com a reconstituição dos campos empírico e transcendental, é nisso que insistem grande parte de seus comentadores.⁴ Mas o que nos interessa, num primeiro momento é pensar em que medida a crítica da metafísica presente em *Diferença e repetição* pode se estender ao campo político. Pois ao estabelecer uma crítica ao capitalismo se torna patente o fato de que uma racionalidade pode funcionar, sem obedecer aos preceitos do princípio de razão suficiente, ou seja, sem precisar de um fundamento que lhe seja dado do exterior. Esta observação coloca em questão os limites da crítica operada por *Diferença e repetição* na tentativa de constituir um conceito renovado de filosofia. O capitalismo demonstra que não basta para a razão se liberar das amarras do princípio de razão suficiente, pois operar sem fundamento implica operar como o capitalismo, ou seja, a partir de axiomas, de normas ou regras flexíveis que podem a todo o momento se reconfigurar, se transformar. Construir uma filosofia renovada implica, portanto, ser capaz de desmontar a racionalidade em vigor no mundo capitalista.

Este problema começa a ser tratado por Deleuze a partir de seu encontro com Guattari que originou *Capitalismo e esquizofrenia I e II* ou *Anti-Édipo* e *Mille-Plateaux*. Em *Anti-Édipo* o capitalismo é pensado a partir da esquizofrenia, compreendida como uma lógica, uma racionalidade. Se a triangulação edípica limita o sujeito e sua

³ Lapoujade, D. *Deleuze : les mouvements aberrants*. Paris : Éditions du minuit, 2014, p. 49.

⁴ Cf. Sauvagnargues, Anne. *Deleuze. L'empirisme transcendantal*. Paris : PUF, 2010.

expressão à família burguesa, o capitalismo moderno possui mecanismos de flexibilização das formas de vida que constroem outros sujeitos, outras subjetividades. Deleuze e Guattari propõem transformar a esquizofrenia em categoria subjetiva capaz de dar conta dos processos de expressão e constituição do sujeito contemporâneo. Num primeiro momento tratava-se de evidenciar a natureza do desejo, fluxo contínuo, continuamente aprisionado pelo aparelho estatal e também pela psicanálise. Mas há um risco nesta conceituação do capitalismo. Ela pode ser ilustrada pelo comentário de Lyotard ao *Anti-Édipo* em que o autor afirma que *Anti-Édipo*, apesar do título, não é um livro crítico.

Le temps vient de ne pas s'en tenir à noter la capture et l'effacement des flux libidinaux dans un ordre dont la représentation et ses cloisons jointives-disjonctives sont, seraient le dernier mot, car cette capture et cet effacement sont le capitalisme, mais le temps vient de servir et d'encourager leur divagation errant sur les surfaces et fentes immédiates crues, des corps, d'histoire, de terre, de langage...⁵

Para o marxismo há uma fronteira, um limite no interior do capitalismo. Uma vez ultrapassado este modelo de organização de fluxos e trocas que se chama Capital (relações de produção capitalista) se desfazem as estruturas que relacionam moeda e mercadoria, capital e força de trabalho, etc. Lyotard afirma que é o crescimento mesmo da capacidade de produção do capitalismo mais avançado que, encontrando o seu limite, faz vacilar o dispositivo de produção e de circulação e assim deixa escapar fluxos de energia desregulando e colocando em risco os sistemas de regulação do próprio capitalismo.⁶ No entanto, Deleuze e Guattari são muito cuidadosos no que diz respeito ao funcionamento e a capacidade de flexibilização do próprio capitalismo, não apenas eles diferenciam desterritorialização relativa, produzida pelo próprio capitalismo e desterritorialização absoluta, própria do devir revolucionário, como estabeleceram, agora em *Mille Plateaux* uma descrição detalhada dos diversos processos de flexibilização promovidos pelo capitalismo moderno e sua axiomática. O problema não consiste, portanto, em determinar os limites a partir dos quais o capitalismo começa a vacilar, mas, criticar esses mecanismos de liberação e flexibilização demonstrando seus impactos negativos e as novas formas de sofrimento e exclusão por ele criados. Se o capitalismo não é mais apenas um aparelho repressor, mas também um aparelho de captura que torna possível a circulação ilimitada do desejo, *sua crítica deve passar pelos mecanismos de controle (e não mais de repressão) promovidos pelas formas de flexibilização de normas*. Veremos que é a análise concreta e em situação dos problemas

⁵ Lyotard. Jean-François. « Capitalisme énergumène ». In : *Des dispositifs pulsionnels*. Paris: Galilée, 1994, p. 23.

⁶ *Ibid.*, p. 26.

sociais — a partir dos quais a filosofia traça um diagnóstico dos processos e racionalidades envolvidos na constituição de diversas esferas da vida social — que permite com que decisões políticas possam ser tomadas. Não se trata de um programa ou da definição de estratégias de luta política, mas de detectar espaços onde sujeitos possam se constituir politicamente.

É também Lyotard que acentua um aspecto importante do pensamento político de *Anti- Édipe*. Segundo o autor a originalidade da crítica deleuzo-guattariana está justamente na maneira através da qual os autores pensam os limites do capitalismo, e não seria exagero ou metáfora dizer que esta é a primeira maneira através da qual Deleuze e Guattari criticam o marxismo, pois o que vemos aqui é um pensamento do acontecimento que surge quando a geração de maio de 68 começa a pensar o que é uma revolução:

Telle est la région d'où partent Deleuze et Guattari : si cette idée d'une limite infranchissable économique, sociale, « morale », politique, technique, ou ce qu'on voudra, était une idée creuse ? Si au lieu d'un mur à transpercer, à transgresser, c'était le mur du capitalisme qui de lui-même transitait sans cesse toujours plus loin à l'intérieur de lui-même (...) ? ⁷

Ao pensar os limites do capitalismo ou a maneira através da qual o capitalismo gerencia ou lida com seus limites o que está em questão é também uma problema “metafísico”, sobre como funciona e opera um acontecimento. ⁸ A crítica do capitalismo tem como função a constituição de uma teoria da revolução, uma teoria filosófica, pois ela se constitui a partir de uma relação entre o que se deixa apreender num determinado momento histórico e aquilo que só pode ser pensado, ou seja, que não se manifesta inteiramente no interior de um determinado estado de coisas. Neste sentido podemos compreender que a esquizofrenia funciona como uma espécie de modo de vida cujo funcionamento é apenas parcialmente incorporado pela vida social, há na loucura um grão de lógica que permite com que a filosofia pense o que a vida social não cessa de tentar eliminar.

Esta é a função do recurso à esquizofrenia na crítica ao capitalismo, estabelecer a diferença entre duas lógicas: a esquizofrenia, que opera rompendo limites, fronteiras e normas; e o capitalismo que opera deslocando limites, alterando espaços, transportando-

⁷ *Ibid.*, p. 29.

⁸ Podemos afirmar que o problematizar o que é um limite é também uma maneira de pensar o que distingue ou permite a passagem do finito ao infinito. Cf Badiou. *Être et événement*. Paris: Seuil, 1989. O conceito de infinito aparece na filosofia deleuziana, apenas em *Qu'est-ce que la philosophie?*, porém ele já está presente em *Diferença e repetição*, não apenas nas críticas que Deleuze tece contra o infinito hegeliano ou leibniziano, mas no interior da crítica da representação, sobretudo se levarmos em conta a crítica da finitude foucaultiana. Criticar a representação significa criticar a eterna repetição do mesmo, criticar uma racionalidade no interior da qual não há espaço para a diferença, para o que é único.

se para outros territórios, expandindo seus limites. Como explica Lyotard, sobre a obra em questão, o problema do capitalismo é que todo objeto pode ser objeto de troca.⁹ Trata-se aqui, portanto, de ultrapassar a ilusão da liberação promovida pelo estado do bem-estar social do pós-guerra que viria em breve se transformar em precarização do trabalho e criação de sobretrabalho.¹⁰

A crítica deleuzo-guattariana do capitalismo pode ser resumida a partir de um movimento duplo em que se evidencia por um lado o aspecto restrito e limitador de sociedades de controle (o que explica a importância da paranoia na tríade deleuzo-guattariana composta pela neurose, esquizofrenia e paranoia), mas por outro lado, de movimentos de flexibilização, expansão e deslocamento de limites no interior de sociedades neoliberais ou do mundo globalizado. O capitalismo contemporâneo opera impondo e deslocando limites, a partir de dois eixos principais ou dos mecanismos definidos como totalitários e socialdemocratas: “On pourrait définir un pôle d’État très général, “social-démocratie”, par tendance à l’adjonction, à l’invention des axiomes, en rapport avec des sources des investissements et de profit”¹¹. Este processo opera diversificando o mercado interior, ou seja, criando diferenças entre grupos, indivíduos; há um axioma para os jovens, outro para os velhos etc. Mas há também a tendência inversa, “totalitária” que opera privilegiando exclusivamente o setor externo, economia voltada para a exportação de matéria prima, dissolução do mercado interno. Estes

⁹ Lyotard, Jean-François. *op. cit.*, 30.

¹⁰ É importante ressaltar o diagnóstico efetuado por Boltanski e Chiapello em *Le nouvel esprit du capitalisme*. Os sociólogos franceses definem um modelo hegemônico de crítica ao capitalismo a partir dos 80 na França responsável segundo os autores pela precarização das condições de trabalho que ocorrem a partir dos anos 80 no país. No final dos anos 60 e início dos anos 70 a França contava com uma forte crítica social preocupada com as desigualdades produzidas pelo capitalismo. Uma crítica marxista clássica operada por trotskistas e maoistas, que, no entanto, se esgota a partir da metade dos anos 70. Surgem neste momento, diversos movimentos sociais, feminista, ecologista, gay, anti-nuclear. A esquerda passa a ser dominada por uma fração não marxista que opera inclusive uma crítica severa do comunismo ou socialismo, identificado a governos totalitários. Esta crítica transforma a indústria e as empresas em instituições repressivas e opressivas, como o Estado, o exército, a família ou a escola. O combate à burocracia em nome da autonomia no espaço de trabalho ganha força em detrimento da crítica às desigualdades que exigiam segurança ou leis trabalhistas e forte sistema de segurança social. Chiapello e Boltanski insistem no caráter incompleto de toda crítica ao capitalismo, pois há sempre algo que a crítica compartilha com o próprio capitalismo. Por isso ela observa, sem intervir, uma situação que se mostrará desastrosa, ou considera, com opinião favorável, melhorias que concernem um aspecto de sua crítica, sem perceber que a situação se degrada em outro ponto. Foi assim que nos anos 80 e 90, o capitalismo evoluiu transformando ou minando antigas formas de opressão, no entanto o preço a ser pago por esses avanços foi o aumento da desigualdade ou a maior concentração de renda. Boltanski, L. Chiapello, E. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard, 2011, p. 92. O interesse da crítica de Deleuze e Guattari reside justamente no fato de que enquanto os anos 70 insistiram no caráter opressivo do capitalismo, nossos autores insistiam que o capitalismo contemporâneo tinha como marca principal sua capacidade de flexibilizar, deslocar e liberar códigos, normas e regras previamente estabelecidos pelo próprio capital. Movimento que pode ser identificado como responsável pela precarização do mundo do trabalho.

¹¹ Deleuze, G e Guattari, F. *Mille Plateaux*. Paris : Éditions du minuit, 1980, p. 577-578.

axiomas não regulamentam apenas a economia, mas estão presentes em todos os setores da vida social, criando espaços de liberdade e diferenciação ou identidade e também restringindo liberdades, delimitando espaços e criando normas. Assim funcionam nossas sociedades atuais, que não podem ser pensadas como disciplinares, mas como sociedades de controle.¹²

Desta maneira não bastava operar uma crítica da racionalidade que obedece ao princípio de razão suficiente para estabelecer e legitimar um pensamento construtivo e criativo da diferença, o exame do capitalismo evidencia outro modo de funcionamento da razão que independe de um fundamento, que não opera reproduzindo um fundamento legitimador, mas deslocando limites, uma racionalidade que mesmo infundada é capaz de criar e controlar diversos modos de vida. Pretendemos trabalhar esta questão, sob um ponto de vista específico, a centralidade do conceito de falta no interior da psicanálise lacaniana e as críticas de Deleuze e Guattari a este conceito. Trata-se neste caso, não de demonstrar a positividade do desejo, mas a funcionalidade do conceito de falta no interior do capitalismo. Para isso, nos apoiaremos no trabalho de Balibar, “Freud e Kelsen”, onde o autor, numa análise cruzada da psicanálise e do direito, demonstra a ausência de fundamento do Estado moderno ou sua origem eminentemente fantasmática. Nossa hipótese é que o complexo de Édipo não é apenas uma estrutura que a psicanálise utiliza para restringir o desejo aos limites da família e outras instituições sociais. Este só pode funcionar como lei porque é também uma proibição, uma impossibilidade, uma falta. Isto porque o que mobiliza o complexo de Édipo, o que o faz funcionar é a proibição do incesto. Ao criticar este conceito Deleuze e Guattari demonstram, (como Balibar, ao comentar o conceito freudiano de superego), a ausência de fundamento do complexo, ou seu caráter axiomático, de lei geral e universal que subsume a singularidade, a multiplicidade e a diversidade imanente ao que é da ordem do desejo.

Assim, um exame crítico do funcionamento do capitalismo contemporâneo se mostra como passagem obrigatória para definir uma lógica, outro modo de pensar que não opere a partir de um fundamento e da reprodução deste, mas também não se restrinja ao deslocamento provisório de limites e a criação de zonas de indeterminação que continuam obedecendo à lógica e os limites impostos pelo próprio liberalismo. Para pensarmos esta questão é necessário um exame detalhado do problema do fundamento

¹² Cf. Deleuze, G. “Contrôle et devenir”, “Post-scriptum sur les sociétés de contrôle”. In : *Pourpalers*. Paris : Éditions du minuit, 1990.

no interior dos Estados modernos e do modo de funcionamento axiomático do capitalismo.

O Estado e suas razões

Il arrive qu'on critique des contenus de pensée jugés trop conformistes. Mais la question, c'est d'abord celle de la forme elle-même. La pensée serait par elle-même déjà conforme à un modèle qu'elle emprunterait à l'appareil d'État, et qui lui fixerait des buts et des chemins, des conduits, des canaux, des organes, tout un *organon*. Il y aurait donc une image de la pensée qui recouvrirait toute la pensée, qui ferait l'objet spécial d'une « noologie », et qui serait comme la forme-État développé dans la pensée. Voilà que cette image possède deux têtes qui renvoient précisément aux deux pôles de la souveraineté : un *imperium* du penseur-vrai, opérant par capture magique, saisie ou lien, constituant l'efficacité d'une fondation (*muthos*) ; une république des esprits libres, procédant par pacte ou contrat, constituant une organisation législative et juridique, apportant la sanction d'un fondement (*logos*).¹³

A forma-Estado é uma imagem do pensamento, ela se organiza a partir dos dois polos da soberania, das suas funções e operações constitutivas: fundação e legitimação. No entanto, o ato que funda a soberania, o Estado, é tautológico, mágico ou mítico, como no interior do pensamento platônico. Ou seja, o Estado funda a si mesmo, há uma relação não causal entre o Estado e a vida social por ele instaurada, em outras palavras, o Estado opera e funciona sem fundamento, sem causa ou razão ou ele é o próprio fundamento da vida social. Há, portanto, uma relação retroativa entre o fundamento e o fundado, o fundamento só pode ser legitimado pelo que ele mesmo instaura. Esse mecanismo justifica a segunda função atribuída ao Estado, a função legisladora que deve legitimar o processo de captura ou a constituição e manutenção do próprio Estado.

Já um axioma pode ser compreendido ao mesmo tempo como regra ou norma, modo de operação que constitui e determina o funcionamento do capitalismo. Sua função evidentemente é de legitimar o próprio capitalismo, daí a grande inovação de Deleuze e Guattari com relação ao marxismo que implica um retorno muito particular a Marx¹⁴. O que distingue o axioma de outros modos de operação na vida social, na arte ou na filosofia, é justamente o fato de que um axioma é um enunciado primeiro que não deriva de outro, nem depende de outro enunciado¹⁵. Um axioma funda a si mesmo, não tem um fundamento em algo que lhe é exterior. Se o fluxo do desejo é decodificado ou liberado pelo capitalismo, este não se confunde com a esquizofrenia: “La psychanalyse,

¹³*Ibid.*, p. 464.

¹⁴ A novidade de Deleuze e Guattari não consiste como sublinha Lyotard (*Op. cit.*, p. 25) em pensar a libido como processo de distribuição e por consequência o capitalismo como consumismo. Deleuze e Guattari pensam o capitalismo a partir da dívida, ou seja, do crédito, da renda, da moeda, propriedade fundiária e do imposto.

¹⁵*Ibid.*, p. 577. “Les axiomes du capitalisme ne sont évidemment pas des propositions théoriques, ni des formules idéologiques, mais des énoncés opératoires qui constituent la forme sémiologique du Capital, et qui entrent comme parties composantes dans les agencements de production, de circulation et de consommation”. Um enunciado operatório é ao mesmo tempo discurso e prática, atua como palavra de ordem constituindo um meio social, um espaço com uma racionalidade própria.

c'est comme le capitalisme: elle a bien pour limite la schizophrénie, mais elle ne cesse de repousser la limite et d'essayer de la conjurer.”¹⁶ Para Lajoujade é justamente por esta razão que o capitalismo precisa de uma axiomática, uma vez que ela permite ligar as potencialidades do desejo, de inserí-las no interior dos limites estabelecidos pelo capital de tal maneira que toda produção desejante é sempre voltada para o próprio Capital. “L'axiomatique est le moyen de lier la production désirante au processus d'accroissement du capital, de la courber sous ce nouveau joug sans plus avoir besoin de fondement.”¹⁷ Neste sentido, podemos afirmar que é na axiomática capitalista que reside a verdade do Estado, ou sua ausência de fundamento. A axiomática capitalista seria, portanto capaz de demonstrar a falsa pretensão do Estado, ou seja, a criação do Estado passa pela demonstração e questionamento de sua pretensão que é a de funcionar como fundamento ou polo legislador capaz de determinar a totalidade da vida social.

É assim que Deleuze e Guattari pretendem dar conta do surgimento histórico e da instauração do capitalismo, fornecendo uma explicação que leva em conta a racionalidade ou o modo de operação do Capital. Vemos que o Estado e o capitalismo operam através de lógicas muito semelhantes, por esta razão há em *Mille Plateaux* e *Anti-Oedipe* uma reelaboração do conceito de História, onde está em questão demonstrar que a pergunta pela origem histórica do Estado seria uma tautologia. Ao criticar o evolucionismo econômico marxista, argumentando que critérios históricos evolutivos são na verdade relações coexistentes e dependentes, como por exemplo, a relação entre nomadismo/sedentarismo, caça/ criação/ agricultura/ cultura/ indústria ou campo/cidade, Deleuze e Guattari ressaltam a necessidade de pensarmos, para dar conta da complexidade do capitalismo atual, relações causais complexas, sem finalidade, mas que testemunham de uma ação do futuro sobre o presente ou do presente sobre o passado. É justamente porque a “historicidade” do capitalismo não se restringe ao seu aspecto econômico, mas começa como já apontava Marx, a partir de formas de organização estatal e despótica, que Deleuze e Guattari podem transformar o capitalismo numa racionalidade orientada por dois processos, afrontamento e deslocamento de limites. Assim, esta racionalidade não se define a partir de causas

¹⁶ Deleuze. *Pourparlers*. Paris : Éditions du minuit, 1990/2003, p. 34.

¹⁷ Lajoujade. D. Deleuze : *Les mouvements aberrants*. Paris : Éditions du minuit. 2014, p. 165.

finais, mais da produção contínua que instaura e dos fluxos que libera ao prolongar seu espaço de ação.¹⁸

Se o capitalismo opera estabelecendo suas próprias regras e normas, sem fundamento ou razão, como seria possível desarmar esta máquina produtora de dominação e exclusão que inclusive é capaz de produzir e satisfazer os sujeitos desejantes que produz? Se o capitalismo opera como uma máquina estatal produzindo sua própria legitimação, que mecanismos e operações podem demonstrar sua ausência de funcionamento, destruir ou impedir sua reprodução e estabelecer modos de vida imunes ou resistentes às capturas operadas pelo Estado? Esta redefinição do que está em jogo no capitalismo atual nos leva também a pergunta sobre a natureza da ação política. A filosofia, segundo Deleuze e Guattari, pode nos levar a pensar um modelo renovado de luta política, distinto do funcionamento partidário que obedece ainda à lógica estatal?¹⁹

Mille Plateaux estabelece uma relação entre a indecidibilidade constitutiva de todo momento histórico, da atualidade política, e as decisões revolucionárias que justamente por essa razão encontram lugar na vida social.

Un constructivisme, un “diagramatisme”, opère dans chaque cas par la détermination des conditions des problèmes, et par liens transversaux des problèmes entre eux : il s’oppose à l’automation des axiomes capitalistes autant qu’à la programmation bureaucratique. En ce sens, ce que nous appelons « propositions indécidables », ce n’est pas l’incertitude des conséquences qui appartient nécessairement à tout système. C’est au contraire la coexistence ou l’inséparabilité de ce que le système conjugue, et de ce qui ne cesse pas de lui échapper suivant des lignes de fuite elles-mêmes connectables. L’indécidable est par excellence le germe et le lieu des décisions révolutionnaires.²⁰

¹⁸ O capitalismo é possui uma racionalidade imanente à vida social, por isso todo esquema do tipo infraestrutura/superestrutura perde sua eficácia explicativa. Deleuze e Gutarri pretendem assim criticar a noção althusseriana de aparelho ideológico de Estado.

¹⁹ Em *Foucault* (Paris : Éditions du minuit, 1986/2004, p. 38) lemos: “C’est comme si quelque chose de nouveau surgissait depuis Marx. C’est comme si une complicité autour de l’État se trouvait rompue. Foucault ne se contente pas de dire qu’il faut repenser certaines notions, il ne dit même pas, il le fait, et propose ainsi des nouvelles coordonnées pratiques. À l’arrière-fond gronde une bataille, avec ces tactiques locales, ses stratégies d’ensemble, qui ne procèdent pourtant pas par totalisation, mais par relais, raccordement, convergence, prolongement. Il s’agit bien de la question *Que faire ?* Le privilège théorique qu’on donne à l’État comme appareil de pouvoir entraîne d’une certaine façon la conception pratique d’un parti directeur, centralisateur, procédant à la conquête du pouvoir d’État ; mais inversement, c’est cette conception organisationnelle du parti qui se fait justifier par cette théorie du pouvoir. Une autre théorie, une autre pratique de lutte, une autre organisation stratégique sont l’enjeu du livre de Foucault”. Podemos acrescentar que a política em Deleuze e Guattari, fortemente inspirada pelo pensamento foucaultiano, partilha com este, os mesmos objetivos, criar outra teoria, outra prática de luta política, outras formas de organização estratégica. A importância da filosofia reside, portanto, na sua capacidade de realizar diagnósticos precisos sobre a multiplicidade dos processos em jogo no interior da vida social, salientando a natureza linear das múltiplas racionalidades em vigor no campo político-social, realizando a crítica de uma visão linear e vertical da política que tanto para Foucault como para Deleuze e Guattari torna os sujeitos políticos impotentes e incapazes de agir.

²⁰ Deleuze, G e Guattari, F. *Mille Plateaux*. Paris : Éditions du minuit, 1980, p. 590.

Na crítica contra o capitalismo, através da noção de indecidabilidade surge não apenas uma crítica da noção de causa final como motor e orientação diretiva do capitalismo, mas uma concepção não causal do próprio capitalismo que altera consideravelmente o que se entendia até então no interior do marxismo como práxis revolucionária. Justamente porque o capitalismo contemporâneo se transformou numa axiomática que libera e desloca limites, que cria espaços de liberdade mesmo que restrita, que práticas revolucionárias encontram espaço no seu interior para multiplicar-se. Isso não significa que o caminho para a revolução passa necessariamente pelo aceleração dos processos de deslocamento e liberação de limites produzidos pelo próprio capitalismo, já que Deleuze e Guattari insistem que o devir revolucionário é caracterizado por processos radicalmente distintos dos que operam no interior de uma axiomática. Por isso não se trata apenas de definir ou detectar sujeitos revolucionários produzidos pelo próprio capitalismo como na oposição proletariado/burguesia, mas de pensar inclusive uma questão que o marxismo dos anos 60 havia deixado de lado, a natureza das lutas políticas revolucionárias, ou formas de luta política fora dos partidos políticos que cada vez mais pareciam obedecer à lógica e o modo do funcionamento do Estado capitalista, ou seja, se baseiam em relações verticais e lineares (relações normativas e limitadas)²¹. Assim se Foucault estabeleceu uma microfísica do poder Deleuze e Guattari estabelecem uma micropolítica, uma teoria das lutas políticas a partir destas novas relações de poder. Pensar zonas indiscerníveis na política atual significa encontrar espaços de decisão, espaços de transformação. Para isso é preciso traçar toda a cartografia da micropolítica de nossas sociedades de controle.

Objetivos e metodologia

A metodologia deste projeto consiste em pesquisa bibliográfica, a respeito da obra de Deleuze e da obra de Deleuze escrita em conjunto com Guattari, bem como da leitura de bibliografia crítica visando, sobretudo, definir a natureza do debate atual em torno da *relação entre política e filosofia* na obra dos autores em questão.

Trata-se de questionar se a filosofia pode ter um papel a desempenhar no interior da crítica. Se a filosofia não se restringe a promoção de uma consciência de classe e não se limita a apontar caminhos abstratos de um futuro por vir, de que maneira ela se situa

²¹ Sobre as críticas ao PC e outras ideias de Maio de 68 ver Brillant, B. *Les Clercs de 68*. Paris: PUF, 2003.

em relação ao debate e aos problemas levantados pelo campo político? Gostaríamos de demonstrar que a filosofia política deleuzo-guattariana pode pensar a natureza das lutas políticas atuais ou reconhecer um devir revolucionário já instaurado ao estabelecer um diagnóstico político, econômico e social do capitalismo atual e suas produções subjetivas. Este diagnóstico ganha consistência e inteligibilidade ou adquire uma natureza propriamente filosófica a partir da relação que estabelece com uma crítica da razão, uma crítica da metafísica. Por esta razão pretendemos – assim coloca-se outra estratégia metodológica - aliar a crítica do capitalismo empreendida em *Anti-Édipe* e *Mille Plateaux* a uma crítica da representação ou do fundamento operada em *Diferença e repetição* e que se prolonga até *Qu'est-ce que la philosophie ?*, pois é esta confrontação, entre a história da razão e o estado atual da racionalidade em vigor no interior da vida social que permite a constituição de uma filosofia da diferença.

São três os objetivos gerais desta pesquisa:

- Sistematização da crítica deleuzo-guattariana à psicanálise apontando os pontos fundamentais a partir dos quais a psicanálise fornece uma chave de leitura para o capitalismo. Não se trata apenas de enumerar as críticas à psicanálise como se ela falhasse ao tratar patologias de cunho individual e social, mas de demonstrar que as críticas à psicanálise são também críticas a processos imanentes ao capitalismo. O que talvez separe radicalmente Deleuze e Guattari da psicanálise é o fato de que com estes autores a esquizofrenia não foi tratada apenas como categoria clínica ou patologia, mas como uma lógica radicalmente fora da racionalidade capitalista e por esta razão capaz de fornecer um modelo de crítica ao capitalismo.

- Sistematização da crítica deleuzo-guattariana ao capitalismo. Em seguida, comparação com a produção da sociologia francesa, sobretudo, o trabalho de Boltanski e Chiapello, *Le nouvel esprit du capitalisme*. Pretendemos também comparar estas críticas com os trabalhos de Balibar, Rancière ou David-Harvey. Não se trata de pensar o marxismo de Deleuze e Guattari, mas de demonstrar sua inserção no debate da filosofia política ou crítica do neoliberalismo e a pertinência de seu pensamento no interior deste debate.

- Num terceiro momento traçaremos os limites entre descrição sociológica ou ciência política e filosofia política. A questão é definir a filosofia política justamente a partir das distinções entre ciência e filosofia estabelecidas por Deleuze e Guattari, elas permitiram definir o que é um acontecimento no interior da filosofia e como ele é tratado metodologicamente. A questão é saber o que a filosofia tem hoje a dizer sobre os

acontecimentos, sobre o modo de ser do tempo e da História. Ou seja, trata-se de demonstrar que o diagnóstico social e político da atualidade elaborado por Deleuze e Guattari tem como consequência a reconstituição do conceito de História, de sujeitos políticos e de práticas políticas.

Assim os **objetivos** desta pesquisa são:

- explicitar a relação entre crítica da psicanálise e crítica do capitalismo
- explicitar as relações entre crítica da razão e da representação e crítica do capitalismo
- identificar os limites e diferenças de natureza e metodológica que distinguem uma ciência política e uma filosofia política.

Resultados:

A realização destes objetivos culminaria com a escrita de cinco artigos e/ou capítulos de um livro escrito durante o período da pesquisa, a seguir uma descrição dos pontos a serem abordados em cada texto:

1. Crítica da razão e crítica do capitalismo: o problema do fundamento no Estado e na axiomática capitalista

Trata-se aqui de empreender uma comparação entre a crítica à filosofia, empreendida por Deleuze em *Diferença e repetição*, e a crítica ao capitalismo e ao Estado. A função desta comparação é definir as racionalidades em operação no interior da filosofia e sua relação com a determinação e constituição da vida social.

2. O capitalismo e a psicanálise. A falta e o fundamento.

Trata-se de demonstrar a centralidade da crítica à psicanálise na constituição da crítica deleuze-guattariana ao capitalismo. Exploraremos a crítica à noção de falta, e sua relação com a questão do fundamento do capitalismo e do Estado moderno.

3. Crítica ao capitalismo em Deleuze e Guattari. A crítica francesa pós-68.

Pretendemos estabelecer a relação entre a crítica ao capitalismo empreendida por Deleuze e Guattari e as críticas ao capitalismo presentes na sociologia, sobretudo no trabalho de Boltanski e Chiapelo, *Le nouvel esprit du capitalisme*. Esta comparação visa ressaltar a importância e pertinência das críticas deleuze-guattarianas aos processos de flexibilização no interior do capitalismo.

4. Foucault e Deleuze, microfísica do poder e micropolítica.

Trata-se aqui de estabelecer uma distinção entre o modo axiomático de funcionamento do capitalismo e as análises foucaultianas, das quais Deleuze se inspira, e que funcionam de maneira diagramática. Esta comparação permitirá traçar uma primeira distinção

entre o método de análise social foucaultiano, a leitura empreendida por Deleuze do mesmo, e a diferença, fundamental na constituição deste método de análise social, entre diagramatismo e axiomática.

5. O acontecimento, o infinito e o trabalho do conceito.

Trata-se nesta conclusão de demonstrar o percurso empreendido por Deleuze, da crítica ao princípio de razão suficiente passando pela crítica do capitalismo (que funciona sem um fundamento, de maneira imanente e através de uma axiomática) e o que Deleuze e Guattari entendem por filosofia. A distinção entre uma ciência axiomática e a filosofia, construtivista permitirá traçar as vias através das quais a filosofia é capaz de pensar o que é da ordem do acontecimento.

Cronograma de trabalho

Dividiremos os 12 meses de trabalho em períodos de dois meses, cada um deles correspondendo a um problema descrito acima.

Setembro-outubro 2015

Leitura da bibliografia e redação do texto número 1.

Novembro-dezembro 2015

Leitura da bibliografia e redação do texto número 2.

Janeiro-fevereiro 2016

Leitura da bibliografia e redação do texto número 3.

Março-abril 2016

Leitura da bibliografia e redação do texto número 4.

Maio-junho 2016

Leitura da bibliografia e redação do texto número 5

Julho-Agosto

Redação do relatório final.

Justificativa

Minha dissertação de mestrado em filosofia tratava da contingência na *Ciência da lógica* de Hegel, já meu doutorado tratava do acaso na poesia mallarmeana em relação à história das ideias filosóficas nos séculos XVIII e XIX e a história política da França, da revolução francesa, passando pela revolta de junho de 48 até a anarquia contemporânea do poeta, que marcou o período de 1893-1895 na França, culminando inclusive com o

assassinato do Presidente da República. Era importante demonstrar que sob a influência dos acontecimentos políticos e subsequente retorno da religião no período posterior à revolução francesa a filosofia assim como a literatura se deparam com um cenário marcado por impasses. O acaso é assim o nome da falência ou dos limites de uma racionalidade que Hegel identificava ao entendimento kantiano, e Nietzsche identificará ao ascetismo religioso, presa aos limites e exigências do princípio de razão suficiente.

A arte, a partir da primeira metade do século XIX, com Baudelaire ou Flaubert se depara com as consequências de um pensamento causal e representativo. Desde o começo do romantismo, correntes politicamente mais radicais, como os jacobinos, defendiam a ruptura com a estética clássica (teatro clássico) propícia a sociedades altamente hierarquizadas e a adoção, no campo do teatro do drama, mais adequado à nova sociedade que seria tarefa da arte construir. Escrever a partir do acaso significava para Mallarmé romper com os impasses criados pelo romantismo ou pela poesia parnasiana, que se limitava a dois opostos extremamente dependentes, a arte inspirada e a arte racional. O acaso era o nome de uma poesia que desde Baudelaire buscava o novo e o desconhecido. Restava, portanto a questão de definir que nova lógica ou modo de pensar criativo e inventivo é esse que não se limita ao pensamento causal ou representativo. A base teórica do meu trabalho é a filosofia francesa, ou seja, os comentários de Foucault, Rancière, Deleuze e Badiou sobre a obra de Mallarmé e o pensamento do acontecimento presente, sobretudo nestes dois últimos autores. Trata-se, sobretudo de pensar a poesia mallarmeana como um acontecimento, ao mesmo tempo político, filosófico e artístico.

Procuramos aqui continuar este projeto que busca pensar uma lógica para além da causalidade primeira ou final que transforma a razão em instrumento de dominação, medida, seleção e normatização, transformando o diverso da experiência numa forma única. Esta racionalidade opera no período que Benjamin chamou de apogeu do capitalismo. No entanto para continuar a crítica da racionalidade capitalista e pensar um conceito renovado de razão é necessário operar uma crítica da racionalidade do capitalismo atual que não pode ser considerado como uma racionalidade que opera com fins exteriores ao seu próprio desenvolvimento. O capitalismo, como mostram Deleuze e Guattari é um processo imanente. Trata-se, portanto, neste momento de descrever uma racionalidade que não obedece às exigências do princípio de razão suficiente e que, no entanto é capaz de construir formas de vida, parcialmente ilimitadas ou igualmente mutiladas, pois se o fundamento que opera no interior da racionalidade dita instrumental

restringe nossas formas de vida, a ausência de fundamento pode igualmente fundar formas de vida produtoras de sofrimento.²²

Neste sentido pensar o acaso não significa apenas nomear o que é da ordem do irracional,²³ mas criar um solo legítimo e fundado para a filosofia além do princípio de razão suficiente, que não se limite ao pensamento causal ou representativo, mas que também não seja axiomático. Nossa hipótese de trabalho é que a filosofia deleuzo-guattariana é capaz de criticar formas de racionalidade em vigor no capitalismo atual oferecendo uma noção de Ideia ou conceito capaz de escapar da arbitrariedade e da ausência de fundamento dos mecanismos de captura capitalista. É justamente a partir da definição deleuzo-guattariana do que é a filosofia que podemos traçar as balizas que tornam possível a constituição de um conceito desta natureza, imune às operações de captura do capitalismo, suficientemente consistente para servir de modelo para a resistência e para a luta política assim como para a arte.

A escolha do orientadora, Marilena Chauí, parece adequada, pois se trata de uma pesquisadora com reconhecida competência em dois domínios da filosofia que se cruzam neste trabalho: a metafísica ou filosofia de Espinosa que é fundamental para a construção do conceito deleuziano de imanência, e a filosofia política. Marilena Chauí também publicou e orientou trabalhos sobre a filosofia de Deleuze.

Além disso, é necessário justificar a hipótese deste trabalho e sua relevância com relação aos comentários da obra de Deleuze e Guattari.

Lyotard exprime um diagnóstico de toda uma época com relação à filosofia política deleuzo-guattariana ao afirmar que “ce que le livre *subverti le plus profondément* est ce qu’il ne *critique* pas, le marxisme”.²⁴ Para comentadores como Lyotard era muito importante salientar a diferença e a novidade do pensamento de Deleuze e Guattari com relação ao marxismo, pois se tratava de uma resposta às críticas que desde 68 eram feitas tanto ao PC francês e também ao marxismo de Althusser. Críticas que marcaram todo o pensamento político francês das últimas décadas, de Foucault a Badiou, passando por Lyotard, Balibar ou Rancière²⁵.

²² Cf. Axel Honneth. *Sofrimento de indeterminação: uma reatualização da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Editora singular, 2007.

²³ Como propõe, por exemplo, Quentin Meillassoux em *Après la finitude. Essai sur la nécessité de la contingence*. Paris : Seuil, 2006.

²⁴ Lyotard, J-F. *Op. cit.*, p. 25.

²⁵ Badiou, A. *L’aventure de la philosophie française*. Paris : La fabrique, 2012.

A relação entre o pensamento político de Deleuze e Guattari e o marxismo é o tema de *Politique et État chez Deleuze et Guattari* e também *Deleuze et l'Anti-Œdipe* de Guillaume Sibertin-Blanc²⁶ que responde muitas das críticas feitas por Lyotard ao tentar inserir os autores em questão no debate marxista dos anos 70 até os dias de hoje, apontando as relações entre Marx e Deleuze e Guattari. Estas análises são importantes para demonstrar a pertinência e a relevância da crítica deleuzo-guattariana ao capitalismo, mas elas não inserem esta crítica no interior de um projeto que visa renovar a filosofia, construir um conceito que não seja, como o conceito no interior da metafísica, uma axiomática que aniquila toda e qualquer singularidade.

Por outro lado, evidentemente conceitos como o de acontecimento não são inéditos no interior da história de comentários de textos deleuzianos. No entanto, são raros os casos em que conceitos são pensados ao mesmo tempo no interior do campo político e no interior da história da filosofia. Por exemplo, Zourabichvili salienta a importância do conceito deleuziano de imanência como uma maneira de pensar que independe de um recurso ao fundamento: “C’est en même temps que la pensée affirme un rapport absolu à l’extériorité, qu’elle récuse le postulat de la reconnaissance, et qu’elle affirme le dehors dans ce monde-ci : hétérogénéité, divergence. Quand la philosophie renonce à fonder, le dehors abjure sa transcendance et devient immanent”²⁷. Porém, muitas mediações e precisões são necessárias para que o conceito de imanência se torne operacional em contexto deleuziano. Para que conceitos como imanência e acontecimento ganhem força é necessária uma análise em contexto, concreta, que permite delimitar os limites da empiria e as marcas distintivas do que para Deleuze só pode ser pensado. Pretendemos justamente, através da análise política e social do capitalismo demonstrar que uma lógica imanente opera dentro e fora do capitalismo, na vida social como na arte mais avançada. A análise de situações concretas permite delimitar, descrever e descobrir as zonas em que transformações e diferenças podem surgir. A política neste caso é um espaço particular, pois se a arte é por excelência o espaço onde a experimentação ultrapassa os limites do vivido, cabe à filosofia responder em que momentos, em que circunstâncias, a diferença pode eclodir no interior da vida política.

²⁶ Além disso, podemos também citar os trabalhos de Buchanan, *Deleuze and Politics*. Edinburgh University Press, 2008; Thoburn, N. *Deleuze, Marx and Politics*. London: Routledge. 2003; Garo, I. *Foucault, Deleuze, Althusser & Marx : La politique dans la philosophie*. Paris: Demopolis, 2011 ; Jain, D. (org.). *Deleuze and Marx*. Edinburgh University Press, 2009.

²⁷ Zourabichvili. Sauvagnargues, A. Marrati, P. *La philosophie de Deleuze*. Paris : PUF, 2010, p. 23.

Pelas razões enumeradas acima, ou seja, porque grande é o número de comentários centrados em questões relativas à análise político-social empreendida por Deleuze e Guattari, sobretudo suas relações com o pensamento marxista; e porque, por outro lado, os conceitos de imanência e acontecimento são tratados fora de contextos concretos, nossa contribuição no debate visa inserir a crítica política de Deleuze e Guattari no interior do debate filosófico em que Deleuze se coloca ao tentar construir uma ontologia liberada das amarras do pensamento representativo e causal, ou baseada num fundamento. **A relevância deste projeto** consiste justamente na hipótese de trabalho que procura *pensar as consequências filosóficas da crítica política de Deleuze e Guattari*, o que justifica a necessidade de nos apoiarmos em *Qu'est-ce que la philosophie?* para pensarmos a teoria do acontecimento presente nos autores. Pois, há nesta obra uma continuação do problema político apresentado em *Mille Plateaux*, trata-se aqui de *construir um modo de pensar que escape da racionalidade em vigor no capitalismo*. Esta questão não pode ser respondida apenas a partir do exame materialista ou da crítica positivista ou sociológica do capitalismo atual, é necessário um recurso à filosofia para que se possa pensar aquilo que não é visível ou observável no interior de uma determinada conjuntura histórica. Neste sentido, a tarefa da filosofia deleuzo-guattariana é não apenas construir um modelo renovado de crítica social, mas também pensar uma lógica, um modo de funcionamento e organização da vida social distinto da racionalidade que opera no interior desta.

Bibliografia

Textos de referência

- DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Paris : PUF, 1968.
_____. *Dialogues*. Paris : Flammarion, 1977.
_____. *Le pli*. Paris : Éditions du minuit, 1988.
_____. *Pourparlers*. Paris : Éditions du minuit, 1990.
_____. *Logique du sens*. Paris : Éditions du minuit, 1969.
_____. *Foucault*. Paris : Éditions du minuit, 1986.
_____. *Critique et clinique*. Paris : Éditions du minuit, 1993.
_____. *L'Île déserte*. Textes et entretiens, 1953-1974. Org. David Lajoujade. Paris : Éditions du minuit, 2002.
_____. *Deux régimes des fous*. Textes et entretiens, 1975-1995. Org. David Lajoujade. Paris : Éditions du minuit, 2003.
DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Anti-Œdipe*. Paris : Éditions du minuit, 1972.
_____. *Mille Plateaux*. Paris : Éditions du minuit, 1980.
_____. *Qu'est-ce que la philosophie ?* Paris : Éditions du minuit, 1991.

_____ *Kafka, pour une littérature mineur*. Paris : Éditions du minuit, 1975.

GUATTARI, F. *Psychanalyse et transversalité*. Paris : Maspero, 1973.

_____ *L'inconscient machinique*. Paris : Éditions de la recherche, 1980.

_____ *La révolution moléculaire*. Paris : Éditions de la recherche, 1980.

_____ *Lignes de fuites*. Paris : L'aube, 2011.

_____ *Écrits pour l'Anti-Œdipe*. Paris : Éditions Lignes, 2012.

_____ *Cartographies schizoanalytiques*. Paris : Galilée, 1989.

_____ e ROLNIK, S. *Micropolitiques*. Paris : Les Empêcheurs de penser en rond, 2007.

_____ e NEGRI, Toni. *Les nouveaux espaces de liberté*. Paris : Lignes, 2010.

Bibliografia geral

ALTHUSSER. *Lénine et la philosophie*. Paris : Maspero, 1969.

_____ *Pour Marx*. Paris : Maspero, 1965.

_____ *Lire le capital* (org.) Paris : Maspero, 1965.

BADIOU, A. *Deleuze: la clameur de l'être*. Paris : Fayard, 2010.

_____ *L'être et l'événement*. Paris : Seuil, 1989.

_____ *L'aventure de la philosophie française*. Paris : La fabrique, 2012.

BALIBAR, E. *Citoyen sujet: et autres essais d'anthropologie philosophique*. Paris : PUF, 2011.

_____ *Violence et civilité*. Paris : Galilée, 2010.

BENGEN, Véronique. *L'Ontologie de Gilles Deleuze*. Paris : L'Harmattan, 1993.

BOLTANSKI, L. CHIAPELLO, E. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard, 2011.

BRILLANT, B. *Les Clercs de 68*. Paris: PUF, 2003.

BUCHANAN. *Deleuze and Politics*. Edinburgh University Press, 2008.

DAVID-MÉNARD, M. *Deleuze e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

DE BOLLE (Org.) *Deleuze and psychoanalysis*. Leuven: Leuven University press, 2010.

DOBB, M. *Études sur le développement du capitalisme*. Paris : Maspero, 1969.

DIDI-HUBERMAN, G. *La survivance des lucioles*. Paris Éditions du minuit, 2009.

FERREYRA, J. *L'ontologie du capitalisme chez Gilles Deleuze*. Paris : L'Harmattan, 2010.

FORNAZARI, S. (org.) *Deleuze hoje*. São Paulo: Ed. Fap-Unifesp. 2014.

FOUCAULT, M. *Les Mots et les choses*. Paris : Gallimard, 1966.

_____ *Surveiller et punir*. Paris : Gallimard, 1994.

GARO, I. *Foucault, Deleuze, Althusser & Marx : La politique dans la philosophie*. Paris : Editions Demopolis, 2011.

HARVEY, D. *The condition of postmodernity*. Oxford: Blackwell, 1990.

HEIDEGGER. *Le principe de raison*. Paris : Gallimard, 1962.

JAIN, D. (org.) *Deleuze and Marx*. Edinburgh University Press, 2009.

KERSLAKE, C. *Deleuze and the unconscious*. New York: 2007.

LAMPERT, J. *Deleuze and Guattari's philosophy of history*. London ; New York : Continuum, 2006.

LAPOUJADE. D. *Deleuze : Les mouvements aberrants*. Paris : Éditions du minuit. 2014.

- LYOTARD, Jean-François. « Capitalisme énérgumène ». In : *Des dispositifs pulsionnels*. Paris : Galilée, 1994.
- MACHADO, R. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- _____. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- MASSUMI, B. *A User's Guide to Capitalism and Schizophrenia: Deviations from Deleuze and Guattari*. Cambridge: MIT Press, 1992.
- _____. *Semblance and Event: Activist Philosophy and the Occurrent Arts*. Cambridge: MIT Press, 2011.
- _____. e DEAN, Kenneth. *First and Last Emperors: The Absolute State and the Body of the Despot*. Autonomedia, 1993.
- MEILLASSOUX, Quentin. *Après la finitude*. Paris : Seuil, 2006.
- MONTEBELLO. *Deleuze, La passion de la pensée*. Paris: Vrin, 2008.
- ORLANDI (org.) *A Diferença*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- PATTON, P. *Deleuze and the political*. New York : Routledge, 2000.
- PELBART, P. *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. *O Tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____. *A vertigem por um fio*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- _____. *Vida Capital – ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- _____. *O avesso do niilismo – cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições, 2013.
- PRADO JR, Bento. *Erro, ilusão e loucura*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- PROTEVI, J. *Political Physics: Deleuze, Derrida, and the Body Politic*. Continuum International, 2001.
- SAUVAGNARGUES, A. *Deleuze. L'empirisme transcendantal*. Paris: PUF, 2010.
- SIBERTIN-BLANC, Guillaume. *Politique et État chez Deleuze et Guattari*. Paris : PUF, 2013.
- _____. *Deleuze et l'Anti-Œdipe*. Paris : PUF, 2010.
- SCHOPENHAUER, A. *De la quadrupule racine du principe de raison suffisante*. Paris : Vrin, 1991.
- TARBY, F. *Matérialismes d'aujourd'hui : de Deleuze à Badiou*. Paris: L'Harmattan, 2005.
- THOBURN, N. *Deleuze, Marx and Politics*. London: Routledge. 2003.
- ZIZEK, S. *Organs without bodies. On Deleuze and consequences*. London: Routledge, 2003.
- ZOURABICHVILI. *Deleuze, une philosophie de l'événement*. Paris : PUF, 1994.
- _____. *Le vocabulaire de Deleuze*. Paris : Ellipses, 2003.
- _____. *La littéralité et autres essais sur l'art*. Paris : PUF, 2011.
- _____. SAUVAGNARGUES, A. MARRATI, P. *La philosophie de Deleuze*. Paris : PUF, 2010.